

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

17 de Setembro de 2020

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS (parte II): A COMÉDIA, IMPROVAVELMENTE

QUE HE HECHO YO PARA MERECEER ESTO? / 1984 Que Fiz eu Para Merecer Isso?

Um filme de Pedro Almodóvar

Argumento: Pedro Almodóvar / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* Ángel Luis Fernandez / *Efeitos visuais fotográficos:* José Maria López Saez / *Efeitos especiais visuais:* Francisco Prosper / *Cenários:* Pino Morales, Roman Arango / *Figurinos:* Cecília Roth / *Música:* Bernardo Bonezzi; as canções “La Bien Pagá”, de Perello & Mostazo, por Miguel de Molina; “Nur nicht aus Liebe weinen”, de Theo Mackeben, Hans Fritz Beckman e Wizner Boheme, por Zarah Leander / *Montagem:* José Solcedo / *Som:* Bernardo Menz / *Interpretação:* Carmen Maura (*Gloria*), Angel de Andrés López (*Antonio*), Juan Martinez (*Toni*), Miguel Angel Herranz (*Miguel*), Verónica Forqué (*Cristal*), Chus Lampreave (*a avó*), Kiti Manver (*Juani, a vizinha costureira*), Sónia Anabela Hilomann (*Vanessa, a sua filha*), Gonzalo Suárez (*Lucas Villaba*), Amparo Soler Leal (*Patricia, a mulher de Lucas*), Katia Liritz (*Ingrid Müller*), Javier Guruchaga (*o dentista*), Jaime Chavarrri (*o cliente que faz strip tease*), Maria del Carmen Rives (*a farmacêutica*), Pedro Almodóvar (*o cantor na televisão*), Luciano Beriatua (*um polícia*), Luis Hostalot (Pólo), Carlitos (*o lagarto Dinero*).

Produção: Tesaurus / Kaktus / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, versão original com legendas em português / *Duração:* 101 minutos / *Estreia mundial:* 25 de Outubro de 1984 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Quarteto), 16 de Fevereiro de 1990. Primeira apresentação na Cinemateca a 30 de Janeiro de 2024.

AVISO: a cópia, oriunda do circuito comercial tem riscos e alguns saltos nas passagens de bobine. Pelo facto, as nossas desculpas.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo.

Este filme é, na sua totalidade, uma espécie de representação do interdito.

Pedro Almodóvar
numa entrevista de 1994

Que he Hecho Yo para Merecer Esto? é a quinta longa-metragem de Pedro Almodóvar, que começou por fazer uma série de curtas em Super-8 na efervescente Espanha do imediato pós-franquismo e em 1978 deu uma primeira longa, também em Super-8. Este último filme tornou-se invisível, mas pelo que se sabe já contém três elementos característicos do futuro cinema de Almodóvar: a presença de Carmen Maura, uma história delirante e *camp* (uma pobre vendedora num grande armazém tem um namorado cego e guitarrista; ele fica famoso e ela também fica cega...) e um daqueles títulos hilariantes que por vezes podem ser melhores do que os filmes: **Folle... Folle... Folleme... Tim**. Num livro-entrevista a Frédéric Strauss de 1994 de onde vem a citação em epígrafe, Almodóvar conta que “*embora pertencesse naturalmente*” ao grupo de jovens artistas que trabalhavam em Super-8, acabou por ser criticado por eles porque os seus filmes em Super-8 eram excessivamente narrativos, o que o fez ver que o seu caminho era precisamente o do cinema narrativo. Dois anos depois, realizou a sua primeira longa profissional, **Pepi, Luci, Bom y Otras Chicas del Montón**. Este foi também o momento em que Barcelona, a cidade mais cosmopolita e aberta de Espanha durante o período franquista, se isolou cada vez mais sob a pressão do movimento regionalista catalão, trazendo boa parte das vanguardas, no sentido lato, para Madrid, cidade que passou a simbolizar a “nova Espanha”, com a etiqueta jornalística de *movida*, de que o cinema de Almodóvar, que ali chegou aos 19 anos,

vindo de uma pobre aldeia da Mancha, é a expressão mais famosa. Todo um país vivia uma rápida revolução cultural no domínio dos costumes e da política, que levava a formas de expressão violentas, sarcásticas, explosivas, alegres, por vezes deliberadamente caricatas. Os oito filmes que Almodóvar realizou entre 1982 e 1989 são a expressão disso e já se tornaram documentos históricos sobre a Espanha. A acalmia no país, depois das mudanças mais urgentes posteriores ao fim do franquismo, coincidiu com a consagração definitiva de Almodóvar, cujo trabalho depois de **Tacones Lejanos** (1991) entrou numa espécie de velocidade de cruzeiro.

Que he Hecho Yo para Merecer Esto? foi uma etapa importante na carreira de Almodóvar, pois foi o seu primeiro filme a ter verdadeira circulação internacional. **Entre Tinieblas** (1983) foi apresentado no Festival de Miami de 1984, mas este era um evento absolutamente provinciano. Mas em Março de 1987 **Que he Hecho Yo...** foi o primeiro filme de Almodóvar a ter distribuição comercial na cidade mais cinéfila do mundo, Paris, numa das suas mais conhecidas salas de *art et essai*. A extravagância do filme, com três gerações de uma família aparentemente disfuncional, mas onde tudo é feito com a maior naturalidade (coleccionar garrafas de água mineral num armário; vender haxixe e heroína aos 14 anos; um iletrado que falsifica a letra alheia; confiar o filho homossexual de 13 anos a um dentista de meia idade para a felicidade de ambos, pois o rapaz já era amante do pai de um dos seus colegas), chamou a atenção para o nome de Almodóvar e os artigos das influentes revistas francesas ajudaram sem dúvida alguma a projetá-lo mundialmente. Foram desenterrados os já antigos **Entre Tinieblas** (1983) **Pepi, Luci, Bom y Otras Chicas del Montón** (1980) e **Laberinto de Pasiones** (1982), que tiveram distribuição francesa e americana em 1989 e 1990. A partir de **Matador** (1986), feito a seguir a **Que he Hecho Yo...**, os filmes de Almodóvar passaram a ter distribuição internacional imediata, nos territórios mais variados, fazendo-o entrar, aos 37 anos, para a primeira divisão profissional do cinema de autor. Foi mais do que merecido, pois não há dúvida de que ele tinha coisas a dizer e que não as dizia como os outros.

Autodidata, Almodóvar foi influenciado pela sensibilidade *pop*, como tantos membros da sua geração, o que o levou a abolir as fronteiras entre a cultura “alta” e a “baixa” (ele é tão próximo de Corin Tellado quanto de Ingmar Bergman), a não detestar o *kitsch* e, por conseguinte, a ser *camp*, ou seja a fazer *kitsch* voluntário. Muito do que há de melhor no seu cinema tem esta veia, ao passo que os seus aspectos mais “sérios” podem ser bem menos conseguidos. **Que he Hecho Yo para Merecer Esto?** é o primeiro filme em que Almodóvar começa a misturar deliberadamente o cómico e o sério, o grotesco hilariante e pitadas de sentimentalismo. Até então, ele fora puramente sarcástico e brutal. Embora coeso, o filme tem algo de poli-estilístico. Tem uma nítida dimensão realista, quase de crítica social e Almodóvar fez questão de filmar numa parte de Madrid muito diferente da *movida*, num bairro “*que representa a ideia que o poder franquista tinha do conforto do proletariado. Lugares impossíveis de se viver, a que os habitantes chamam colmeias. Quando eu trabalhava na companhia telefónica passava de autocarro todo dia ali. Adorei poder filmar neste cenário e não mudamos nada do que lá estava*”. Estamos num meio social que se situa entre o pequeno-burguês e o proletário: motoristas de táxi, costureiras, prostitutas, mulheres-a-dias, pequenos *dealers* adolescentes. Em contraponto, membros do *establishment* intelectual e um polícia (um polícia à Almodóvar: jovem e bem apessoado, porém impotente e de peruca). Este “realismo” se contrapõe ao tom sarcástico em que são mostradas as aventuras dos protagonistas e à inserção de sequências que parodiam o cinema publicitário (a cara de Carmen Maura vista de dentro do forno, que ela vai acender, por exemplo). Almodóvar declara-se fascinado pela capacidade do cinema publicitário em “*dar vida aos objetos e transformá-los em personagens*” (quanto à sequência com o cliente exibicionista da prostituta, é uma óbvia sátira à publicidade). E há ainda a tardia revelação dos poderes sobrenaturais da criança enjeitada, que ilustram literalmente esta característica do cinema publicitário de transformar os objetos em seres vivos. O próprio Almodóvar surge numa passagem que mostra um programa musical na televisão, numa espécie de auto-

paródia das suas *performances* de finais dos anos 70. Em meio a todas as pequenas aventuras quotidianas dos protagonistas, sempre repetidas, e à falhada conspiração dos intelectuais para enriquecer ilicitamente, o filme consegue manter até o fim o contraponto entre a protagonista e todos os outros, bons ou maus. A protagonista está sempre séria, sempre ultrapassada pelos acontecimentos, embora os perceba perfeitamente bem. Carmen Maura tem um ar desamparado, que contrasta com o cinismo de todos os outros e é precisamente isto que torna aceitável o inesperado *happy end*. A mulher se livra do marido, matando-o involuntariamente com uma “presuntada”, num crime que não será deslindado, a sogra e o filho mais velho voltam para a aldeia. E, surpresa, o filho *gay* que parecia ter sido esquecido pelo argumento, regressa à casa materna ao saber que o pai morrera e que a avó e o irmão iam deixar Madrid. “*No começo foi divertido com o dentista, mas sou muito jovem para me entregar a uma pessoa só. E é preciso um homem nesta casa*”. Ainda não há sentimentalismo neste reencontro entre a mãe vítima e o filho talvez pródigo, como haverá em muitos outros filmes posteriores de Almodóvar, que são mesmo convincentes do que os primeiros precisamente por isso.

Ver este filme hoje mostra a que o ponto o mundo mudou e um novo vitorianismo triunfou: neste “terceiro milénio” em que é proibido comprar um maço de cigarros quando se tem menos de 16 anos, seria impensável fazer um filme em que uma mãe entregasse o filho de 13 anos a um homem de 40 para fazer a sua felicidade (ainda por cima numa cena cómica). Mas note-se também que há um quarto de século nem todos pareciam entender o que se passa nesta sequência do filme. No pormenorizado resumo da narrativa que acompanhou a crítica do ilustre *Monthly Film Bulletin* (Setembro de 1989), lê-se este prodígio: “*Aparentemente sem perceber [apparently unaware] o elemento sexual, Gloria negocia a adoção não oficial de Miguel por um dentista, para aliviar a pressão sobre ela*”. Não é lindo? O que é que terão entendido de todo o filme?...

Antonio Rodrigues